



A mediatização do ativismo no coletivo feminista “Não me Kahlo”¹
The mediatization of activism in the feminist collective “Não me Kahlo”

Francielle Esmitiz da Silva²

Francine da Silveira Malessa³

Palavras-chave: feminismo digital; mediatização; ciberativismo.

O trabalho busca compreender de que forma a mediatização influencia nas atividades de coletivos midiáticos feministas, em especial do coletivo “Não me Kahlo”, para entender como este se utiliza das dinâmicas dos sites de redes sociais (SRS) (Nicolle ELISSON; Danah BOYD, 2013) para disseminar as ideias do movimento feminista.

Partindo disso, nos apoiamos nos conceitos de mediatização (NETO, 2006), feminismo digital (TOMAZETTI, 2015), ciberativismo (MALINI; ANTOUN, 2013 e CASTELLS, 2013) e coletivos midiáticos (Maria Clara AQUINO BITTENCOURT, 2016; 2017) para nos ajudar a problematizar nosso objeto.

A internet e o uso de sites de redes sociais têm proporcionado novas formas de sociabilidade e conversação (Raquel RECUERO, 2014). Por meio dos SRS e da apropriação dos atores sociais, causas e questões antes invisibilizadas vêm ganhando

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestranda em Ciências da Comunicação no PPGCC Unisinos na linha de Linguagens e práticas jornalísticas. Integrante do Grupo Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento - LIC. fran.esmitiz@gmail.com

³ Mestranda em Ciências da Comunicação no PPGCC Unisinos na linha de Linguagens e práticas jornalísticas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

espaços para debate. A era digital possibilita, através dos ciberativismos e das novas tecnologias disponibilizadas, maior facilidade de qualquer indivíduo produzir conteúdo ou informação, abrindo espaço para que mais vozes se expressem e sejam ouvidas, potencializando a liberdade de expressão (PRIMO, 2013). Desde 2015, os feminismos têm obtido visibilidade por meio de debates sobre o aborto, assédio, machismo e violência de gênero que tornaram-se pauta de discussão na rede e na sociedade, fomentando discussões em favor da igualdade de gênero.

Apesar de sua complexidade, diversidade de correntes e pluralismo de ideias, pode se entender o feminismo como um movimento social/teórico que se desdobra sobre as questões das mulheres, compreendendo como, historicamente elas foram e ainda são oprimidas pelos seus marcadores sociais, como o gênero, a raça e a classe (Carla GARCIA, 2015).

Os coletivos midiáticos (AQUINO BITTENCOURT, 2016) são grupos de pessoas, que por meio dos sites de redes sociais, plataformas, dispositivos móveis e de comunicação digital, produzem e fazem circular conteúdos de forma independente da mídia massiva, o que não significa que não reproduzam, em alguns momentos, lógicas massivas. Esses coletivos se utilizam das tecnologias da comunicação, da cultura da participação e da convergência (JENKINS, 2009) para desenvolverem suas atividades, e em muitas situações, atuam de forma (ciber) ativista, como nos casos de coletivos midiáticos feministas, que se apropriam das dinâmicas da rede para informar, debater e visibilizar pautas feministas, se colocando na sociedade como agentes da mudança. Isso se reflete na sociedade, potencializando debates, levantando questões invisibilizadas e gerando conhecimento.

O “Não me Kahlo” é um coletivo midiático que surgiu em 2014 com o intuito de ser um espaço de estudo e debate sobre o feminismo nas suas diversas vertentes. Por meio das redes digitais, busca discutir e problematizar pautas feministas. Só em sua página no Facebook o coletivo possui mais de 1 milhão e 200 mil seguidoras e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

seguidores. Para complementar sua narrativa e espalhar seu conteúdo utilizam outros sites de redes sociais como Instagram, Twitter, Youtube, além de possuírem site.

Embora ainda considerado em conceito em formação como *dispõe Neto* (2006), a *midiatização* no processo social aponta para um deslocamento para uma sociedade em vias de *midiatização*, onde surge um *bios virtual* (GOMES, 2017). Neste contexto, o autor propõe a *superação* do conceito anterior de *mediação*, em que era tratado como uma simples *passagem* entre dois pontos para se pensar a forma como o receptor se relaciona com a *mídia*. Por estar inserida em um processo social e complexo, a *mediação* traz características de *produção de sentido social* (GOMES, 2017).

A *midiatização* passa a ser, portanto, uma nova forma de compreender o mundo, na qual “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da *mídia*, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais” (GOMES, 2017, p.8). Desta forma, os sujeitos existem e agem no processo de *recepção* das mensagens transmitidas.

Neto (2006, p.3) também discorre sobre a *midiatização* como uma nova natureza sócio organizacional. “A nova vida tecno-social é origem e meio de um novo ambiente, no qual se institui um novo tipo de real que está diretamente associado a novos mecanismos de *produção de sentido*”. Da perspectiva de que os laços sociais se formam a partir de *ligações sócio técnicas*, pode-se caracterizar o *feminismo* desta maneira, onde as *feministas* estão, cada vez mais, unindo-se pela rede e o *ativismo*, criando *vínculos* pelas redes sociais mediados por uma *configuração técnica*.

Hjarvard (2014) afirma que a *midiatização* é um processo a longo prazo no qual as instituições sociais e culturais são alteradas conforme o crescimento dos meios de *comunicação*, que ele entende como *tecnologias* que *expandem* a *comunicação* no tempo. Estes meios adquirem novas formas sociais e estéticas que estruturam o modo como são utilizados em outros contextos.

Além disso, o *feminismo midiatizado* corresponde à *virtualização* das instituições (HJARVARD, 2014). Apesar de não ter um local definido socialmente,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

anteriormente, ele se manifestava simbolicamente através de assembleias e seminários. Atualmente, encontra-se virtualizado, embora não deixe de promover encontros físicos. Este contato entre o real e o digital também apresentam consequências na práxis social, de acordo com o autor.

Castells (2017, p.26), consideraria este movimento como um hibridismo do ambiente digital e real, “conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnologicamente culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora”.

E é através de uma comunicação livre do controle daqueles que têm o poder, que os movimentos sociais operam o contra-poder e as redes sociais digitais permitem coordenar e definir as ações do movimento de forma livre, rápida, interativa e com potencial de espalhar (JENKINS, GREEN, FORD, 2014) as informações. Embora os movimentos tenham no espaço urbano seu alicerce, os movimentos em rede têm na internet um espaço contínuo onde o fluxo de informações acontece de forma livre, sem uma liderança formal e com uma estrutura descentralizada que potencializa as chances de o movimento ter maior participação.

Com um perfil mais ativo, os usuários, a partir da sua inscrição no site de rede social, passam a construir seus discursos, tornando-os ao mesmo tempo produtores e receptores. A desconstrução de valores, de acordo com Ferreira (2013) se dá pelas inferências entre a produção receptora e produtora, desconstruindo valores.

Novas plataformas abrem espaço para que transformações culturais, sociais, políticas e mercadológicas aconteçam, além de democratizar os espaços. Com a internet, processos de produção, circulação e consumo de informações fazem com que coletivos e mídia de massa concorram pelas audiências que estão em diferentes espaços, aumentando e diluindo o fluxo dessas mídias. Esses processos estão sendo modificados pelas práticas colaborativas e das práticas da mídia de massa (AQUINO BITTENCOURT, 2014). Para a autora, esses processos impactam na sociedade, pois



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

conteúdos com origens diversas se espalham pela rede podendo ser apropriados e reapropriados, podendo modificar os acontecimentos.

Na sociedade em rede (CASTELLS, 2017) o movimento tem encontrado uma nova forma de organização social e tecnológica, instituição integrante de um mundo mediatizado, como dispõe Hepp (2013). Nesta perspectiva, os coletivos midiáticos feministas representam os mundos entrelaçados, visto que todos estão inscritos no feminismo, porém, representam segmentos do movimento.

Para pensar como o conceito de mediatização opera no coletivo midiático feminista Não me Kahlo, objeto escolhido para análise nesse texto, partimos de uma observação do coletivo durante uma semana e utilizando para a análise a estruturação pensada por Aquino Bittencourt, Gonzatti e Rios (2017, no prelo), inspirada em Arquilla e Ronfeldt (2001) que procura compreender os níveis sociais, técnicos e narrativos dos coletivo: organização do coletivo, formato e linguagem, ações estratégicas, aparato tecnológico, relações, usos e apropriação.

Referências bibliográficas

AQUINO BITTENCOURT, M.C. #CONTRATARIFA: Produção e Circulação de Hashtags pelo Jornalistas Livres. In: **Revista Mídia e Cotidiano**. Seção Temática Número 9. p. 20-39. Agosto 2016. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/289>> Acesso em 20 nov.2017

AQUINO BITTENCOURT, M.C. Movimentos sociais e mídia de espalhamento: democratização da comunicação em contexto de convergência. In: **Revista Líbero** – São Paulo – v. 17, n. 33, p. 51-60, jan./jun. de 2014.

AQUINO BITTENCOURT, M.C.; GONZATTI, C.; RIOS, T.N. A mediatização do ativismo e os elementos constitutivos e de análise do conceito de coletivo midiático. **Revista Cadernos de Comunicação**. Santa Maria, v.22, n.1, art 3, p.59 de 78, jan/abr. 2018..

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Zahar. 2014.

ELLISON, Nicole; BOYD, danah. Sociality through social network sites. In: DUTTON, William (ed.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 151-172

FERREIRA, Jairo. **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. In: Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. Cap 9, p. 140-155. Org. BRAGA, José Luiz et al. São Leopoldo: UNISINOS, 2013. Livro digital.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3 ed – São Paulo: Claridade, 2015.

GOMES, Pedro Gilberto. A midiatização no processo social. São Leopoldo: PPG-Com, 2017 (circulação interna).

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **European Journal of Communication**, v. 28, n.6, p 615-629, dez. 2013.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: UNISINOS. 2014.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. – São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**: tradução Susana L de Alexandria. 2 ed – São Paulo: Aleph, 2009.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@ internet e a #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais** – Porto Alegre: Sulina, 2013.

NETO, Antonio Fausto. **Mediatización, sociedade y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. In: Comunicação além das bordas. Programa de Cooperación Científico-Tecnológico MINCYT – Capes. P. 2-17. Rosário, 2010.

NETO, Antonio Fausto. **Mediatização, prática social – prática de sentido**. 15º Encontro Anual da Compós. UNESP, Bauru. 2006.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede** – Porto Alegre: Sulina, 2013, p.13-36.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2ª Ed, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. In: **RAZÓN Y PALABRA**. Número 90 Junio – agosto 2015.